

O INCONFORMADO

transição
n.º 3 maio 2019



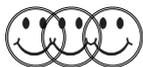
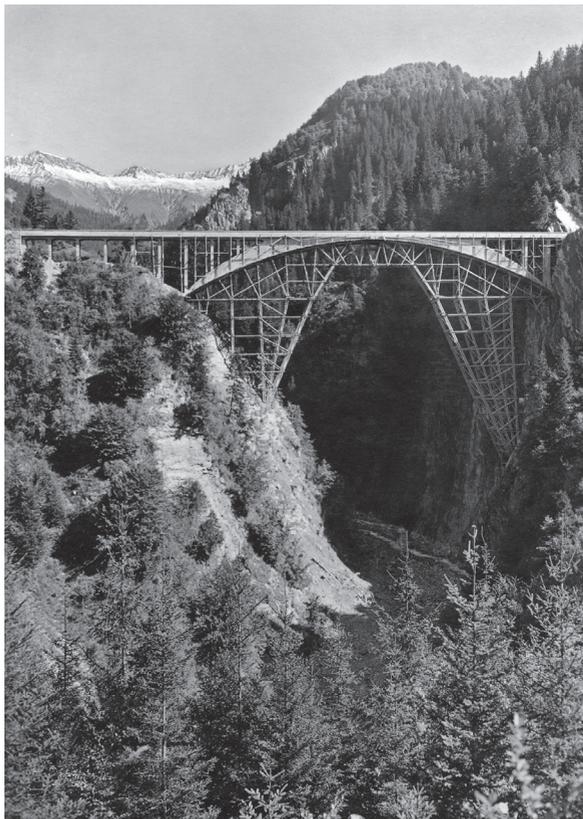
#3

O Inconformado é um projeto do departamento de Políticas Educativas da AEFAUP que surge para informar, despertar e agitar umas cenas.

Seja em forma de publicação periódica, conversas ou eventos, o Inconformado manifestar-se-à acerca de vários temas.

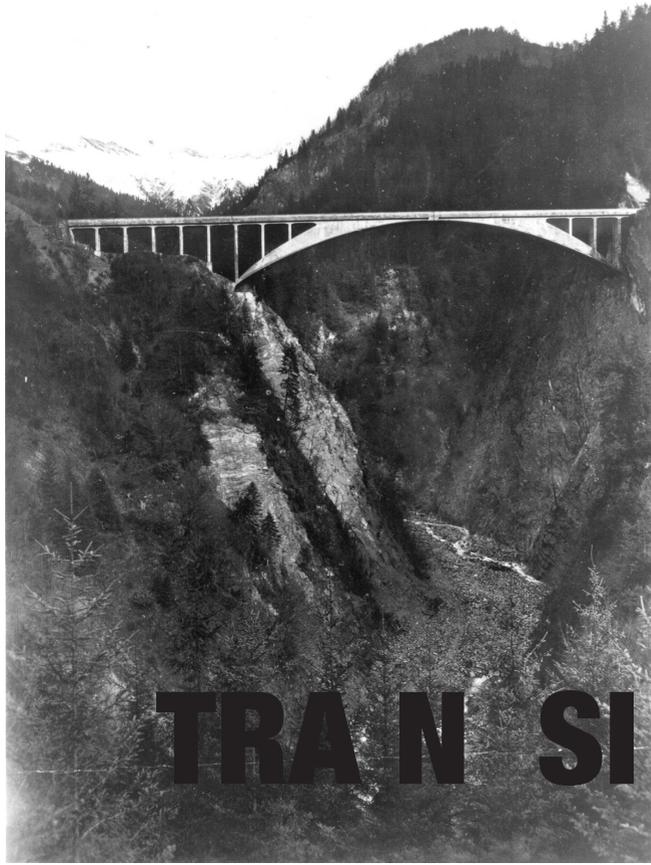
Este espaço também é teu e são os teus contributos - reflexões, devaneios, interrogações - que lhe dão forma.

O Inconformado visa a promoção da consciência e da iniciativa estudantil, a crítica e reflexão



CONTRIBUI PARA O INCONFORMADO:

**politicaseducativas.ae-
faup@gmail.com**



Confrontar a realidade da escola de arquitetura
com a prática profissional, o paradigma da profissão

TRANSIÇÃO

Breve apontamento sobre a Conversa #2 d'O Inconformado,

AS ESCOLAS DO PORTO

Às 18h30 do dia 2 de maio de 2019 na sala plana da FAUP, o Inconformado convidou Mafalda Malheiro, antigo estudante da Escola Superior Artística do Porto, e Diogo Veloso, antigo estudante da Universidade Lusíada, para falarem sobre as suas experiências no ensino de arquitetura em diferentes escolas do porto.

De porta aberta a qualquer interveniente ou espectador, deu-se início à conversa.

Apontamentos:

A abertura da Escola para com o que está à sua volta: a cadeira de projeto enquanto palco para a ação crítica.

Espaço para o pensamento crítico na Lusíada: o estudante que constrói o programa para o seu projeto, estudando e analisando o sítio.

A relação professor-aluno, estudante-estudante. A vivência entre cursos, entre as artes, na ESAP.

O plano de estudos: o horário, a hegemonia de projeto, as cadeiras-satélite,

A legislação como parte integrante de projeto.

Liberdade formal sustentada teoricamente.

Formato de entrega não definido.

A precariedade do estágio.





Francisco Pais

“O arquiteto”

Poder-se-ia esperar que este artigo abordasse o tema do futuro profissional em Arquitetura. Experiências, dificuldades, criatividade, altos e baixos. Acontece que, embora seja mestrado em Arquitetura, pouco vos posso relatar dessa minha experiência, e, por isso mesmo, não é esse contributo que aqui pretendo dar. Cabe-me então descrever a minha vivência, isto é, relatar o ponto de vista de ser “o arquiteto” fora da arquitetura, de ser aquele que organiza, experimenta, questiona, sente, viaja...

Resumindo: fiz “arquitetura” fora da profissão e até agora não exerci a arquitetura como profissional. Fui “o arquiteto” em muitas outras áreas, assumindo funções de gestor, programador, diretor, co-fundador, e muitos outros cargos acabados em “or”. Trouxe para estas áreas as capacidades desenvolvidas na arquitetura: gerir projectos tecnológicos, contactar clientes dos mais variados pontos do mundo, criação de arquitetura de sites, estudo de design, gestão de tarefas em prol do produto final apelativo, tentador, prático e adaptado às necessidades.

Com a conclusão de um curso universitário é chegado o momento de cada indivíduo colocar as competências adquiridas à prova e nós não nascemos para ser o que estudamos, nós estudamos para fazer aquilo que queremos. Foi isso mesmo que fiz, adquirir competências que me fizeram um arquiteto e apliquei-as transversalmente em várias áreas.

Esta forma transversal de utilizar “o arquiteto” revelou-se fundamental no meu percurso e acabei por receber um convite para voltar a esta área. Neste ciclo, aprendi, apliquei e cresci para a arquitetura, com as mais variadas áreas do conhecimento. Na verdade, o que mais parecia ser um caminho divergente da arquitetura, tornou-se agora no ponto forte para poder voltar à minha área de formação académica.

Metamórfosis

Uma série de três estágios

_Estágio Larval

é
insaciável.
come, consome
mas
guarda, condensa.
O Propósito,
Desbasta!

_Pupa em transição

a realidade
Muda
já não se fala Só
e do
Belo na Arquitectura
Inicia
(se quer)
A Luta, Bruta
de dominar
da Arte,
O plano
de fundo.

_Estágio Adulto

Quando..
Dispondo dos Meios,
resta-lhe não esquecer
do Dever:
Conceber Eruditamente,
e procurar a Forma
onde
o Bruto,
possa também
ser Belo.

Desabafo de um percurso controverso

Passa-se a descrever este percurso académico em forma de relatório.

A licenciatura em arquitetura é deixada aos 20 anos após ingressar com 17 na universidade pública. Com postura imatura, era incrédulo ao esforço necessário empregar para se prevalecer no curso, mas regresso aos 22 e logro, agora, na privada. Ainda assim, a prática da disciplina não é o que esperava e já não esperava o mesmo que quando adolescente.

A dissertação revela horizontes no Porto ao passo que me questiono sobre a disciplina. Participo num laboratório de autoconstrução cujos 15 dias alteram o meu percurso. Pouco tempo depois, ingresso na instituição que organiza esse mesmo evento enquadrando-me no universo cultural da arquitetura. Em paralelo, denota-se a participação em concursos de ideias junto de um coletivo descomprometido que se reúne fora de horas no estúdio adossado à minha casa.

O ingresso à Ordem é imperativo mas procuram-se outras vias e, a propósito dos estágios de acesso não remunerados, contemplo as propostas neste âmbito onde se exigem, por vezes, regimes de exclusividade que impedem a prática fora dessa entidade.

A troca de quê?

_Diogo Veloso

_Francisca Marques



A distância necessária entre prática e ensino de arquitectura seria menos desconfortável caso existisse um estágio curricular onde fosse possível ao estudante comprovar a utilidade das competências que adquire ao longo do curso e melhor orientar o seu percurso.

Embora representem ambientes contrastantes, escola e atelier partilham alguns dos mesmos problemas. Se a faculdade exige um certo compromisso com o desenho de projecto em troca da desvalorização de campos de estudo teóricos e da aprendizagem de conteúdos extracurriculares, o mercado de trabalho evidencia esta tendência e coloca no estagiário um novo grau de responsabilidade e cumplicidade.

Ainda assim, a complexidade de factores que limitam a prática e ensino da arquitectura não devem justificar qualquer tipo de conformismo. O reconhecimento das fragilidades do panorama é o ponto de partida para qualquer intervenção pertinente sobre a construção da cidade.

—Bernardo Vinagre



Tardoz de um alojamento local na Rua do Almada.
Foto tirada da antiga sede do Futebol Clube do Porto, em requalificação para hotel
Avenida dos Aliados



Os dados abaixo transcritos serviram de mote a um debate sobre o acesso, o exercício e os direitos do trabalho em arquitectura. Entretanto, como resultado desta e mais conversas sobre o tema, foi criado um movimento que já tem página de instagram. Informem-se !

ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

Existem cerca de **22200** arquitectos (2.1 arquitectos por 1000 habitantes), cerca de **3480** gabinetes de arquitectura.

Destes gabinetes, **52%** são **arquitectos únicos**. 42% têm entre 2 a 5 empregados. **Só 2,7% têm mais de 10 empregados.**

O pagamento do valor do projecto é **39% das vezes definido pela percentagem do orçamento da obra, 40% lump sum, 9% à hora, 11% das vezes não de define valor.**

18,5% do rendimento dos arquitectos vem de fora do país (11.5% de fora da Europa (vs 1.6% de média europeia) e 7% de outros países europeus (vs 2.7% de média europeia)).

21% dos gabinetes participa em concursos. 40% destes são abertos a todos, 45% são por convite (vs 24% de média europeia). Isto implica uma média de **449 horas de trabalho** e de **12 069€ de investimento pessoal**. Quando os concursos são ganhos, o **rendimento médio para o gabinete é de 23 517€.**

O **valor total do mercado da construção tem vindo a diminuir consistentemente desde 2006** (33976milhões€) – 2016 (16342milhões€).

62% do trabalho dos arquitectos é em **reabilitação**.

50% do trabalho dos arquitectos é para clientes individuais, 14% para promotores, 19% para outras empresas, 6% para o estado (1% estado central, 5% estado local).

SITUAÇÃO DE EMPREGO:

24% dos arquitectos são **arquitectos principais ou únicos, ou associado**, com rendimento anual médio de **14 000€** (PPP ¹ 17 070€ vs 42 659€ média europeia). Trabalham em média **42,5 horas semanais. (6,2€ hora)**

30% são assalariados, com rendimento anual médio de **9 600€** (PPP 11 867€ vs 29 732€ média europeia). Trabalham em média **43,6 horas semanais. (4,2€ hora)**

18% são freelancer, com rendimento anual médio de **11 000€** (PPP 13 597€ vs 27 750€ média europeia). Trabalham em média **43 horas semanais. (4,9€ hora)**

17% trabalham para o sector público, com rendimento anual médio de **16 407€** (estado) ou **20440€** (outro público?) (PPP 19 468€ vs 34 563€ e 25 884€ vs 29 732€). Trabalham em média **38,1 e 40,8 horas semanais. (8,3€ e 9,6€ hora).**

A percentagem de assalariados (nos sectores público e privado) tem vindo a diminuir, a percentagem de freelancers e arquitectos a trabalhar sozinhos tem vindo a aumentar. Os rendimentos anuais médios têm vindo a diminuir para todos os assalariados e freelancers, e a aumentar para associados e arquitectos a trabalhar sozinhos.

Em 2016, **só 5% dos arquitectos emigram, 38% consideraram seriamente**. A principal razão (54%) pela qual os últimos não emigraram foi *prática, pessoal ou de reajoamento*.

Em média, **8 horas anuais são dedicadas a desenvolvimento profissional contínuo** (vs 24 de média europeia), implicando um investimento pessoal médio de **246€ , 30€ hora** (vs 300€, 12,5€ hora de média europeia).

¹ PPP, Purchasing Power Parity.

(Paridade de Poder de Compra - índice que tem em conta as diferenças de custo de vida nos diferentes países.)

Retirado da revista online *uncube*

Entrevista à arquiteta e professora Odile Decq relativamente à nova escola de arquitetura que abriu por lhe parecer que o modelo atual de ensino de arquitetura não é compatível com as problemáticas da contemporaneidade

Madame Decq, the very first sentence of the mission statement for your new architecture school is: "We believe that today it is fundamental to totally rethink architecture education." Why? What is wrong with existing models?

It's not so much a question of what is wrong or not. It is rather that the world has changed dramatically and so too has the profession of architecture – and ultimately architecture itself. The only things that have not changed are the models for architecture education, which have not only proved very rigid and un-reformable but in Europe, due to the Bologna Process, they have been made even more inflexible in favour of a general bureaucratic compatibility and homogeneity. This is a serious problem for the variety of existing models. That's why I think that we really have to fundamentally rethink architecture education – and that's why it is so exciting to start a new architecture school now.

How would you describe the predominant model of architecture education today?

I have taught at a lot of institutions over the last 20 years including SCI-Arc, Bartlett, Columbia, the Academy of Fine Arts in Vienna and Düsseldorf or the IUE in Madrid. I was sort of "analysing" the existing models from within and I found that these very different institutions are all trapped within the existing system. They either teach about designing architecture, with all these pointless discussions about forms and objects and very formal

approaches, or they try to educate the students to become efficient, well-functioning professionals. It seems that around the beginning of the 1980s architecture schools started to focus more and more on building and designing objects instead of teaching architecture.

This, together with the rise of the architect, has worsened to the point that today many people think of architecture only as a discipline that produces shiny, spectacular objects. Yet architecture is a discipline that requires a deep cultural, sociological, economical, political and ethical understanding of the world. This is what students need to learn because, when we are in a state of crisis like we are today, we have to rethink the world. We have to act differently, which means that we have to look beyond building too; to help people and improve living conditions for mankind and this sometimes requires something different from a building. At our new school, we don't subtract anything from the usual architecture education. Students will still learn how to build. But we add other topics in order to broaden the picture.

DESCHOOLING

Deschooling, please wait...

68%

Boas coisas online

uncube magazine
pin-up magazine
CARTHA
Raumplan
Atlas of Places
SOCKS

